



## MASCULINIDADES, DIREITO E POLÍTICAS PÚBLICAS NO CONTEXTO DA COVID-19

MASCULINITIES, LAW AND PUBLIC POLICES IN THE COVID-19 CONTEXT

*Murilo Ramalho Procópio<sup>1</sup>*

*João Pedro Teixeira de Faria Viana<sup>2</sup>*

**RESUMO:** O presente trabalho objetiva demonstrar a relevância da categoria masculinidade na fomentação de políticas públicas e na estruturação do sistema jurídico, tendo como pano de fundo específico o contexto social brasileiro relacionado à COVID-19. Diante de todas as medidas de segurança que deveriam ser tomadas pelas autoridades públicas e pela população para evitar a propagação do vírus, o trabalho busca investigar como a masculinidade hegemônica brasileira pode ter interferido na construção dos discursos ético-jurídicos relacionados à pandemia, a partir de diferentes aspectos, como, por exemplo: a ideia de homem/provedor; a ausência de cuidados em saúde masculina; entre outros. A pesquisa é teórica e exploratória, e aborda, por meio de análise do discurso, a importância de uma perspectiva de gênero na análise de leis, atos administrativos e decisões judiciais.

**Palavras-Chave:** Masculinidades; Políticas Públicas; Pandemia.

**ABSTRACT:** The present work aims to demonstrate the relevance of the masculinity category in the promotion of public policies and in the structuring of the legal system, having as a specific background the Brazilian social context related to COVID-19. In view of all the security measures that should be taken by public authorities and the population to prevent

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Jurídicas pela PUC Rio. Doutorando em Ciências Humanas pela UFSC. Professor de Direito na UFJF Campus GV.

<sup>2</sup> Graduando em Direito pela UFJF Campus GV.

the spread of the virus, the work seeks to investigate how Brazilian hegemonic masculinity may have interfered in the construction of ethical-legal discourses related to the pandemic, starting from different aspects, such as: the idea of man / provider; the absence of male health care; among others. The research is theoretical and exploratory, and addresses, through discourse analysis, the importance of a gender perspective in the analysis of laws, administrative acts and judicial decisions.

**Keywords:** Masculinities; Public policy; Pandemic.

## INTRODUÇÃO

A discussão em torno das masculinidades se tornou um mecanismo importante para a compreensão dos gêneros dentro das diferentes estruturas sociais. Neste sentido, tratar do processo de formação de identidades masculinas implica buscar as bases históricas e culturais dessas manifestações, a fim de se compreender os perfis e os comportamentos que se modificaram e aqueles que se perpetuaram no percurso do tempo, dando legitimidade a uma forma de masculinidade dominante em cada contexto, o que podemos chamar de masculinidade hegemônica. Esta, por sua vez, também pode ser compreendida como um modelo cultural que atribui papéis de gênero específicos na ordem social, como, por exemplo, a necessidade de ser viril, provedor do lar e se colocar em situações de risco, pressionando os comportamentos masculinos neste sentido.

Diante disso, o presente artigo pretende realizar uma pesquisa exploratória sobre a relação entre uma forma específica de masculinidade hegemônica brasileira e os discursos ético-jurídicos sobre as medidas sanitárias e legais de enfrentamento da pandemia, a fim de verificarmos como os aspectos culturais relacionados à masculinidade hegemônica influenciam, implicitamente, na adoção de políticas públicas, medidas administrativas e, possivelmente, normas jurídicas. Para isto, parte de uma revisão histórica das masculinidades, sobretudo nos últimos três séculos, a fim de se compreender como a transição do modelo de sexo único para o modelo de sexo duplo por parte das ciências naturais não se traduziu em um automático reconhecimento da igualdade entre homens e mulheres. O estudo menciona, ainda, a importância dos movimentos feministas e dos estudos

de gênero para a construção das categorias de análise que permitem estudar as masculinidades sob uma perspectiva crítica no campo do Direito.

Após explorar estes aspectos, a identificação de traços de uma masculinidade hegemônica mundial e brasileira servirá de fundamento para a identificação dos discursos públicos relevantes, bem como para a interpretação dos aspectos culturais relativos à masculinidade a serem desnudados nos discursos de autoridades públicas que se manifestaram politicamente sobre medidas de isolamento social, em especial, o presidente da República. Os discursos foram retirados de notícias de sites de internet, e dizem respeito a um determinado perfil de masculinidade emergente nos últimos anos, pertencentes líderes políticos específicos.

## **1 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA MASCULINIDADE: DO CULTO À CRISE**

O estudo das masculinidades denota uma série de reflexões acerca de sua origem e modificação ao longo do tempo, tendo em vista que elas são transposições dos padrões de gênero e estes são construídos por forças normativas da cultura (KELLER E ARAÚJO, 2017). Nesse sentido, a ideia de uma masculinidade enquanto identidade de gênero está diretamente vinculada à construção de papéis sociais aos quais os homens estão submetidos, sendo estes papéis impostos a partir de bases históricas e políticas de hierarquização. Portanto, parte-se desses pressupostos para uma análise dos fatores que colocaram as masculinidades como um assunto complexo dentro dos estudos de gênero.

Segundo Soraya Barreto Januário (2016), que retoma alguns autores clássicos para a compreensão das masculinidades, é possível considerar que a emergência do tema em questão como um objeto de análise das ciências sociais ocorreu a partir de um desdobramento dos estudos de gênero, os quais, por sua vez, foram impulsionados – desde a década de 60 do século passado – pelo contexto dos movimentos sociais e das críticas feitas pelos movimentos feministas às estruturas de dominação patriarcais.

Embora se possa remontar à própria pré-história para explicar o surgimento da superioridade masculina num sentido cultural (JANUÁRIO, 2016, p.80), serão apontadas brevemente as principais ideias por detrás do conceito de masculinidade e como ele se desenvolveu, sobretudo, em sociedades ocidentais, ao longo dos três últimos séculos. Assim, percorrendo essas épocas e suas respectivas transformações sociais, pretende-se, então, chegar ao momento atual, apontando algumas mudanças e continuidades.

Até meados do século XVIII, homens e mulheres eram considerados de mesma natureza biológica. Neste período predominava o chamado modelo de sexo único. “Desde a Grécia Antiga até o renascimento, os corpos humanos eram analisados a partir deste modelo, no qual apenas uma estrutura era utilizada enquanto referência de normalidade: o masculino.” (JANUÁRIO, 2016, p.84). Portanto, o que diferia entre homens e mulheres era o grau de perfeição, e não de natureza, ou seja, ambos possuíam corpos análogos e a mulher era tida como um homem imperfeito. Desse modo, com o modelo de perfeição atribuído aos homens e a ausência de linhas teóricas que problematizassem a sexualidade (termo até então inexistente)<sup>3</sup>, as demais formas estavam dependentes deste ideal, “a relação entre reprodução, sexo e orgasmo todas serão seguidas conforme o modelo masculino.” (SILVA, 1999, p. 02).

A partir da Revolução Francesa e do Iluminismo, o debate acerca da cidadania e dos princípios universais, sobretudo o da igualdade, contribuiu para que as mulheres começassem a deixar de serem vistas como um homem incompleto, ganhando um caráter de sujeito, uma corporeidade própria (SILVA, 199, p.87). Apesar disso, as mulheres permaneciam submetidas ao trabalho e às tarefas do lar<sup>4</sup>, enquanto o homem detinha o poder de procriação e a ocupação dos espaços públicos. A sociedade burguesa do século XIX estabeleceu os ditames das regras e papéis e, diante das revoluções que marcaram o século, a masculinidade até então cultuada, teria dado os primeiros sinais de uma crise.

Esta crise da masculinidade, segundo Silva (1999), se deu por meio da ameaça da feminilidade que amedrontava os homens sobre a possibilidade de serem considerados homossexuais, fazendo com que estes se esforçassem ainda mais para atender à obrigatoriedade de pôr à prova o seu sexo forte. Além destes esforços, a identidade sexual e de gênero começou a se vincular à representação do papel do homem na sociedade.

Os traços que os descreviam, voltavam-se para a forma de se vestir, a forma de andar, a maneira de se comportar, a entonação de voz, etc., assim como também era ressaltado a forma física, a musculatura, os contornos do corpo masculino, a elegância, o vigor físico e a beleza, e por fim, as qualidades psicológicas do homem como a agilidade, a coragem, a distinção, bravura, o heroísmo, conforme as descrições pontuadas por Gay (1995). (SILVA, 1999).

3 Foucault (1986) ressalta que o termo sexualidade é um termo surgido no século XIX, portanto pertencente às sociedades modernas e pós-modernas.

4 As estruturas familiares que permitiam o papel exclusivo de trabalhadora doméstica era (e continua sendo) típico de famílias burguesas, contudo (ENGELS, 1891/2009).

A realidade social do século XIX, portanto, começou a modificar a forma como as mulheres se viam diante desta hegemonia masculina. Na Inglaterra, especialmente, o movimento feminista emergente e a luta pela igualdade e independência foi um importante motor para as críticas, por meio da ação política, à base de poder até então vigente. Na virada do século XIX para o XX, os questionamentos feitos pela psicanálise e pela antropologia em oposição ao pensamento naturalista contribuíram para a noção de que as definições de homem e mulher envolviam aspectos comportamentais e culturais que extrapolavam as diferenças anatômicas e corporais percebidas pelas ciências da natureza.

O interesse político pode ter sido dos motivos que influenciaram esta mudança, uma vez que o questionamento das diferenças se deu “quando as mulheres iniciaram seu processo de identidade social e começam a reivindicar direitos” (JANUÁRIO, p.85). Assim, mesmo com estas reivindicações em plena ascensão, a dominação masculina continuou sendo legitimada. Isto porque a substituição da norma natural pela norma cultural e psicológica dos sexos passou a justificar as demais desigualdades entre homens e mulheres. Essa diferenciação perpassou, portanto, os sexos, e se instaurou também nas denominações de gênero (papéis sociais). Segundo Silva (1999, p.02), com a descoberta do gênero, o sexo autonomizou-se, e ganhou o estatuto de fato originário.

Neste período de transição e ruptura com a concepção naturalista, a psicanálise enquanto campo de estudo motivou alguns dos levantamentos acerca do papel que as questões sexuais assumiam nas definições das futuras identidades de gênero. Surgiu então a teoria freudiana do Complexo de Édipo, por meio da qual a masculinidade seria formada principalmente a partir das relações parentais

quando a criança deseja sexualmente o progenitor do sexo oposto e percebe o progenitor do mesmo sexo enquanto seu rival, segundo a psicanálise um dos fatores que formariam a masculinidade do menino seria o medo de que o pai proceda a castração como represália por seu desejo pela mãe. O Complexo de Édipo só teria final quando o menino “reconhecer seu papel” e ao abrir mão do desejo pela mãe, ganhando acesso ao mundo viril do pai e a todas as outras mulheres. (BOTTON, 2007, p. 110 e 111).

Segundo Kats (1996), contudo, o modelo psicanalista serviu apenas de justificativa para a imposição das diferenças morais aos comportamentos a partir das necessidades da burguesia. Assim, embora a psicanálise tenha transferido a explicação das diversas manifestações de sexualidade para o campo das interações sociais e do desenvolvimento

psíquico do indivíduo, os saberes produzidos trabalhavam com as categorias de comportamentos normais e desviantes, sobretudo em relação à condição heterossexual.

Na segunda metade do século XX, o surgimento das epistemologias feministas e pós-estruturalistas produziram uma série de críticas ao caráter sexista das teorias edipianas da psicanálise. Desde então, as instituições sociais, entra as quais o próprio pensamento científico, vêm passando por diversas transformações que culminam na crise do processo de normatização da superioridade masculina, seja ela explicada em razão de discursos biológicos ou culturais.

A ideia de uma masculinidade única, por sua vez, começou a ser questionada, tanto nas questões de identidade como de posição social, uma vez que, segundo Sampaio e Garcia (2010), “as concepções de masculinidade e a feminilidade são, portanto, resultantes das relações de poder e, por conta disso, sempre variáveis”. Dessa forma, a especificação de diversas possibilidades de masculinidades trouxe aos homens novas formas de reconhecimento de si, ao mesmo tempo em que trouxe discussões principalmente a respeito da masculinidade hegemônica e a forma como as desigualdades de gênero foram institucionalizadas.

## **2 A CATEGORIA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA**

De acordo com Connel e Messerchmidt (2013), ao se abordar a noção de masculinidade hegemônica não se pode considerá-la como um processo de dominação total e global de homens sobre mulheres, cujos traços culturais seriam fixos e universais. A construção de protótipos de masculinidades que se pretendem hegemônicas variam conforme as transformações estruturais da sociedade, e que não possuem necessariamente os mesmos símbolos ao longo do tempo. De qualquer maneira, pode-se considerá-la, inicialmente, como uma categoria que diz respeito a um tipo específico de masculinidade, que se impõe, diante de outros modelos, em um determinado contexto social, histórico e geográfico. Este modelo pode não encontrar nenhum exemplo concreto em uma dada sociedade, mas pode continuar a existir sob uma forma abstrata, na medida em que atua num sentido normativo, ou seja, de pressionar para que os perfis, os comportamentos, as sociabilidades se orientem mediante um determinado padrão a ser seguido.

Para entender o funcionamento da masculinidade hegemônica, contudo, é necessário distingui-la de outras categorias próximas e relacionadas a ela, como a cúmplice,

a subordinada e a marginalizada. Citando o referencial de Connel e Messerschmidt, De Brito (2016), traz uma diferenciação elucidativa. O autor caracteriza a masculinidade cumplice como os comportamentos e aspectos culturais que, embora não se enquadrem nas características da masculinidade hegemônica, se beneficiam socialmente de seus efeitos. A masculinidade subordinada, por sua vez, é aquela que se encontra em posição social de inferioridade, subalternidade valorativa, como, em nosso país, ocorre em relação a homens homossexuais. A masculinidade marginalizada, por sua vez, mesmo que repita aspectos da hegemônica, não possui do mesmo status social em razão de recortes de cor e classe, sendo um de seus exemplos as masculinidades de apresentadas por jovens negros de periferia.

Apesar das distintas manifestações, todas as masculinidades ainda estão ligadas, de alguma maneira, à hegemônica, que atua desde o estabelecimento de padrões comportamentais até a imposição de hierarquias entre os próprios homens, como, por exemplo, no preconceito e violência de homens heterossexuais para com homossexuais. Isso se dá pelo fato de que, segundo Connel e Messerschmidt (2013), mesmo que a maioria dos homens não adotem todas as atitudes hegemônicas, este modelo é normativo, exigindo a adesão dos demais quanto à sua legitimidade e forma de superioridade em relação às mulheres.

Os estudos a respeito das masculinidades permitem relacioná-las com diversas outras áreas de estudo, tendo em vista que, a partir do entendimento das imposições do modelo, foi possível relacionar a diversos outros problemas sociais. Assim, a gravidade da hegemonia foi além da estrutura patriarcal, sendo também influenciada pelas questões de gênero, que atua como um sistema de trocas a partir do capitalismo moderno. Somado a isso, tem-se a institucionalização das desigualdades de gênero relacionadas às questões de raça e classe.

Caracterizada, num sentido inicial, pela imposição da virilidade, busca por poder e exposição ao risco, dentre outros aspectos, a masculinidade hegemônica enquanto “um padrão de práticas (i.e., coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse” (CONNEL & MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245), se consolidou a partir de estratégias que garantissem aos homens o controle das estruturas sociais de poder. No entanto, diversos autores abordam que, sendo resultado de processos históricos, esse modelo não necessariamente deveria continuar como auto reprodutor. Portanto, seria possível se pensar em manifestações que rompessem com essa hegemonia do “sexo forte”.

A luta feminista, com a adesão de homens que refletem sobre sua posição nas relações de gênero se tornou um mecanismo importante para desconstruir os discursos impositivos aos homens, discursos estes que são responsáveis por práticas violentas tanto com relação a homens e mulheres, quanto entre os próprios homens. Dessa forma, “o movimento de questionamento dos estereótipos da virilidade clássica pode ser, então, particularmente válido por abrir aos homens novos meios para a constituição de uma existência singular e para a emergência de uma subjetividade mais criativa.” (SAMPAIO e GARCIA, 2010, p. 98).

Com o avanço dos estudos a respeito das masculinidades, alguns termos novos acabaram surgindo e, por vezes, sendo equiparados. Isso ocorre, por exemplo, entre a masculinidade hegemônica e a masculinidade tóxica. Embora, no Brasil, este último seja mais utilizado por ativistas em busca de uma masculinidade alternativa do que como uma categoria analítica em trabalhos acadêmicos, o seu sentido político está relacionado à reflexão sobre os efeitos negativos dos comportamentos exigidos pela masculinidade hegemônica, não só em relação às mulheres e homens homossexuais, mas, em relação ao próprio indivíduo pertencente à masculinidade hegemônica (SCULOS, 2017).

Dessa forma, enquanto a hegemônica se preocupa em apontar os aspectos da cultura que pressionam a normatização de uma forma específica de ser homem, a masculinidade tóxica seria mais voltada para o apontamento dos reflexos dessa postura na saúde ou na mortalidade masculina. De qualquer maneira, ambas se referem, porém, ao ciclo vicioso em que o homem, muitas vezes não cientes das imposições às quais está submetido, continua repetindo os mencionados padrões.

### **3 MASCULINIDADE HEGEMÔNICA E OS DISCURSOS DE AUTORIDADES SOBRE AS MEDIDAS DE ENFRENTAMENTO À PANDEMIA**

No que diz respeito à construção dos padrões brasileiros de masculinidade, James Green (2011) aponta para determinados aspectos que interferiram no modelo de “macho brasileiro” até a década de 60. Trata-se de uma concepção da masculinidade que valorizava a virilidade e a conquista de mulheres, o papel de provedor, a necessidade de ocupação masculina do espaço público e, o principal, uma polarização rígida em relação ao feminino. A heterossexualidade, por sua vez, embora sempre tenha sido parte da noção brasileira de masculinidade hegemônica, variou ao longo do tempo. Até a década de 1960, a

heterossexualidade brasileira era definida muito em razão do papel “ativo” na relação sexual, inclusive quando esta envolvia mais de um homem (GREEN, 2007).

A cientifização das discussões sobre a sexualidade, bem como a incorporação de padrões sobre o masculino importados de outros contextos, colocaram outras representações sociais sobre a homossexualidade em nosso contexto. Nos dias de hoje, aspectos como a atração física e a prática de relação sexual em qualquer circunstância caracterizam a homossexualidade muito mais do que um eventual papel ativo no sexo. Contudo, os comportamentos tidos como femininos continuam a fazer parte do repertório de símbolos que excluem ou diminuem a masculinidade de um brasileiro, sobretudo em sociabilidades masculinas heterossexuais (GREEN, 2007).

Da década de 60 em diante, outras masculinidades surgiram disputando esse campo hegemônico, tendo a arte e a política influenciado diretamente neste processo. Figuras como Caetano Veloso, Ney Matogrosso, Fernando Gabeira e Herbert Daniel constituem, para Green (2011), importantes referências simbólicas de construção de uma masculinidade alternativa, seja pela homossexualidade assumida ou presumida, pela utilização de roupas ou cortes de cabelo considerados femininos ou pelas próprias performances artísticas ou cotidianas, traduzidas em um modo específico de andar, falar, dançar.

Na década de 70, o surgimento da Teoria Queer e sua chegada ao Brasil traz para a academia a importância dos aspectos relacionados ao gênero, ao sexo e à sexualidade no repertório das investigações sobre o poder e sobre as relações sociais (GATTI, 2011). O termo *queer*, surge a partir da ressignificação cultural da própria identidade – considerada como estranha, desviante – por parte de ativistas LGBTQI. Sua relevância como uma no campo acadêmico foi construída a partir da superação do binarismo epistemológico, do caráter performático da ação política, e da necessidade de consideração dos aspectos ligados ao gênero e ao sexo nas análises relacionadas ao político, ao social e ao institucional.

Pode-se dizer, portanto, que o funcionamento das instituições, as estruturas sociais, os discursos, as ciências, estão todos permeados por um caráter relacionado ao gênero e à sexualidade. Tendo em vista que as masculinidades estão relacionadas às questões de gênero, é necessário e importante compreender suas diversas manifestações na sociedade, uma vez que “as identidades (também de gênero) passam a ser construídas a partir de apropriações com determinados valores. Esses valores, por sua vez, estão implícitos ou explícitos nos discursos.” (KELLER E ARAÚJO, 2017, p.310).

Desde o início da pandemia, diversos discursos circularam sob a forma de proposições éticas adequadas para a regulação das medidas sanitárias a serem tomadas, no Brasil e no mundo. Em geral, o debate se reduziu a um suposto dilema valorativo entre preservação da economia e preservação da saúde/vida. As possibilidades de interpretação e superação desse falso dilema, por sua vez, são inúmeras, e encontram mecanismos eficazes na própria disciplina econômica<sup>5</sup>.

Todavia, partimos da hipótese de que o discurso pró-flexibilização das medidas sanitárias realizado por algumas autoridades públicas constitui uma “formação discursiva de identidade” (MAINGUENAU, 2019), própria de uma “mentalidade” ligada à masculinidade hegemônica, ou, ao machismo. Neste sentido, nossa análise se volta para a identificação desses sentidos relacionados à masculinidade, ora explícitos, ora recalcados, mas que pautam grande parte dos posicionamentos políticos e jurídicos atuais. Dentro dessa perspectiva, podem-se apontar três exemplos de autoridades paradigmáticos dessa formação discursiva, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que ao se referir ao Covid-19, disse que “ele é o que é” (BRAUN, 2020); o presidente da Bielorrússia, Alexander Lukashenko, que recomendou ironicamente vodka e sauna para curar a doença (G1, 2020); e o presidente Jair Bolsonaro, cujos discursos serão mais detalhados e citados a seguir.

Sobre o perfil discursivo compartilhado por estes atores, em primeiro lugar, destacamos a própria maneira de pensar o dilema ético-jurídico, que se constituiu por meio de dualismos e oposições<sup>6</sup>. Para além do mais notório – a separação entre economia e o direito à saúde ou à vida – outros exemplos podem ser pensados. O primeiro deles é a alegada “cobertura com base em interesses políticos por parte da imprensa”, o que pressupõe a existência de uma forma de jornalismo isenta de ideologia política. Outro exemplo é a possível dicotomia as diferentes formas de lidar com a morte: “morrer com medo e assustado com as situações normais da vida, ou morrer como um guerreiro, encarando a realidade de frente”.

Para Bourdieu, a própria criação desses dilemas e oposições no campo simbólico e discursivo corresponde a um esquema de pensamento, que ele denomina sistema mítico-ritual (BOURDIEU, 2002), o qual atua como um modelo de classificação normatizante, baseado em divisões supostamente preestabelecidas naturalmente, e que seriam

5 Em estudo publicado por Correia et al (2020), demonstrou-se, por meio de modelos matemáticos, a eficácia do isolamento na recuperação mais rápida da economia.

6 O que corresponde a uma crítica não só de adeptos da Teoria Queer, mas de outras perspectivas que estudaram a dominação masculina no campo das estruturas sociais, como Pierre Bourdieu (2002).

reinterpretadas por uma razão, ou reflexividade universal. A superioridade masculina, entre tantos outros binarismos, apareceria como reflexo desse sistema.

No caso dos discursos binários sobre as questões éticas relacionadas à pandemia, o agente discursivo primeiramente constrói o dilema, para, em seguida, concluir pelo seu caráter inescapável. Como consequência, as sínteses construídas por aquele que fala parecem pender de uma solução neutra, que não explicita quais são os interesses envolvidos na discussão. A reflexão ética, dessa forma, parece não decorrer de um processo relacional e que envolve o reconhecimento de interesses distintos, próprios de corporeidades específicas, mas de uma inevitabilidade entre dois extremos abstratos em termos valorativos. Diante disso, qualquer solução poderia trazer potenciais sacrifícios e prejuízos. A escolha de uma solução, contudo, nunca é feita de modo aleatório.

A figura do “isolamento parcial”, por exemplo, surge como um contraponto ao “passional isolamento radical”, baseado em uma reflexividade supostamente ausente neste último, que teria deixado de considerar a importância do aspecto econômico para a resolução do dilema. Este nível de argumentação, que é pré-reflexivo, pois não se baseia nem em evidências empíricas, tampouco em uma sofisticação lógica das proposições, e oculta todo o pano de fundo que serve de motivação para a escolha do agente do discurso, entre os quais: individualismo e defesa do neoliberalismo como forma da vida e referências explícitas à masculinidade hegemônica.

Neste contexto, alguns dos discursos proferidos pela principal autoridade brasileira em tempos de pandemia, nos últimos meses, materializam de forma evidente esta hipótese. A universalização de um sujeito específico – masculino – como forma de solução para o suposto dilema ético envolvendo a pandemia aparece em diversas frases proferidas pelo presidente da república, como a partir dos exemplos: “Se o vírus pegar em mim, não vou sentir quase nada. Fui atleta e levei facada” (EXAME, 2020); “se [a covid-19] fosse algo terrivelmente mortal para mim, talvez não estivesse na rua.” (CARAMURU; PRUDENCIANO; PORTO, 2020); “Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar” (FERNANDES, 2020); “Pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar. Nada sentiria. Ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho” (BBC, 2020).

A universalização do sujeito masculino, por sua vez, aparece ligada ao individualismo e à defesa implícita do neoliberalismo. Segundo a concepção de Han (2015), a atual forma capitalista é marcada pela substituição paulatina do poder disciplinar, próprio

do modo de produção do capitalismo industrial fordista, para o modelo de produção baseado na auto-exploração e auto-responsabilização, típica do capitalismo financeiro atual. No contexto da pandemia, a impossibilidade de interrupção das atividades econômicas aparece como um dado da natureza no imaginário popular, na medida em que a maioria dos trabalhadores precarizados já não contam com regimes de proteção social e, portanto, se consideram responsáveis por todas as consequências da interrupção do próprio trabalho. Assim, medidas como a manutenção do isolamento social custeada pelo poder público, seja por meio do endividamento, ou por meio do gasto de reservas financeiras, nem chegam ser cogitadas.

Sobre os aspectos explícitos ligados à masculinidade hegemônica, é possível mencionar outros discursos proferidos pelo presidente Jair Bolsonaro como exemplos de manifestação destes aspectos culturais, a saber: "Tá com medinho de pegar vírus? Brincadeira. E o vírus é uma coisa que 60% vão ter, ou 70%. (...) Eu desconheço qualquer hospital que esteja lotado" (CURY, 2020). Neste caso, verifica-se o aspecto mencionado por Green (2011), relacionado à valorização da honra ligada ao risco. Em outra oportunidade, o presidente reafirmou este mesmo aspecto de valorização da honra, ao compartilhar o vídeo de um senhor italiano muito difundido na internet, ao repetir uma famosa frase de Benito Mussolini "Melhor um dia como um leão do que cem anos como uma ovelha". Para o presidente, "Em um minuto o velho italiano resumiu o que passamos nos dias de hoje" (VANUCHI, 2020).

Além do aspecto de valorização da honra ligada ao risco, outros exemplos de discurso do presidente brasileiro reafirmam aspectos da masculinidade hegemônica, seja por meio da desvalorização de aspectos relacionados à homossexualidade, seja através de exaltação à própria "virilidade". Em uma situação em que fora perguntado sobre a recomendação de uso de máscaras para a população, diante de sua própria recusa em usar o acessório, o presidente disse que máscara era "coisa de viado" (BERGAMO, 2020). Em outra ocasião, ao ser questionado pela manutenção de sua postura diante da pandemia e dos possíveis efeitos prejudiciais à reeleição, o presidente afirmou que "não brocharia" (ULTIMO SEGUNDO, 2020).

## CONCLUSÃO

A partir da exposição da construção histórica das masculinidades e, sobretudo a legitimação e normatização da masculinidade hegemônica, é possível perceber que os papéis de gênero são construções que variaram ao longo do tempo. Além disso, nos últimos anos, os estudos realizados a partir das pautas do movimento feminista têm sido importantes formas de se compreender a estrutura social desde a linguagem até a construção de identidades.

Nesse sentido, os estudos acerca das masculinidades têm contribuído para se entender as repercussões desta categoria, conforme abordado no presente estudo, até mesmo nos discursos ético-jurídicos. Assim, tendo como base o cenário pandêmico, percebe-se a gravidade destes discursos proferidos por autoridades e a forma como influenciam o imaginário popular e acabam por interferir de forma negativa nas medidas indicadas para a contenção da transmissão da Covid-19.

Os reflexos destes aspectos invisíveis do discurso de autoridades públicas foram sentidos no cenário brasileiro de contenção da pandemia, que se tornou o segundo país mais afetado no mundo. Nas diversas regiões do Brasil, o que se viu foi a naturalização do cenário de morte e a legitimação dos riscos por grande parte da população, que atuou até mesmo no sentido de pressionar pela abertura das atividades econômicas e de lazer.

Neste sentido, o processo de edição de medidas administrativas sanitárias, leis restritivas sobre circulação de pessoas e responsabilidade estatal sobre as políticas de contenção dos danos relacionados ao COVID-19 já nasce viciado, entre diversos fatores, pela influência da masculinidade hegemônica, cujos principais efeitos ainda são muito pouco investigados nas publicações do campo jurídico. Neste sentido, espera-se que o presente estudo tenha contribuído para estimular novas formas de abordagem para a pesquisa no Direito.

## **REFERÊNCIAS**

BBC News Brasil. 'Gripezinha ou resfriadinho' e outras 7 frases controversas de líderes mundiais sobre o coronavírus. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52205918>> Acesso em: 06/09/2020

BERGAMO, Monica. Mascara é coisa de viado, dizia Bolsonaro na frente de visitas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 7 de julho de 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/07/mascara-e-coisa-de-v-dizia-bolsonaro-na-frente-de-visitas.shtml>> Acesso em: 06/09/2020

BOTTON, Fernando Bagiotto. AS MASCULINIDADES EM QUESTÃO: UMA PERSPECTIVA DE CONSTRUÇÃO TEÓRICA. **Revista Vernáculo**, v. 1, n. 19/20, 2007. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/download/20548/13731>> . Acesso em: 20 Julho 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**, 2ª edição. Tradução Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRAUN, Julia. Trump tropeça em entrevista sobre Covid-19: 'É o que é', diz sobre mortes. **VEJA**, 4 de agosto de 2020. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/trump-tropeca-em-entrevista-sobre-covid-19-e-o-que-e-diz-sobre-mortes/>> Acesso em: 06/09/2020.

CARAMURU, Pedro; PRUDENCIANO, Gregory; PORTO, Gustavo. Bolsonaro acusa governadores de inflarem número de vítimas. **Terra**, 30 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/coronavirus/bolsonaro-acusa-governadores-de-inflarem-numero-de-vitimas,9880ed12f47beecb877251342ad0ca6eyo85z06q.html>> Acesso em: 06/09/2020.

CONNEL, Robert W. e MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013. Tradução: Felipe Bruno Martins Fernandes.

CORREIA, Sergio et al. Fight the Pandemic, Save the Economy: Lessons from the 1918 Flu. Federal Reserve Bank of New York, **Liberty Street Economics** (March 27). <https://libertystreeteconomics.newyorkfed.org/2020/03/fight-the-pandemic-save-the-economy-lessons-from-the-1918-flu.html>, 2020.

COSTA, R. G. De clonagens e de paternidades: as encruzilhadas do gênero. **Cadernos Pagu**, n. 11, p. 157-199, 1 jan. 2013.

CURY, Teo. Bolsonaro volta a atacar governadores e desafia: 'Tá com medinho do vírus?'. **CNN Brasil**, Brasília, 02 de abril de 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/04/02/bolsonaro-volta-a-atacar-governadores-em-pandemia-e-desafia-ta-com-medinho>> Acesso em: 06/09/2020

DE BRITO, Leandro T. Performances de masculinidades na História da Educação Física em fins do século XIX. **Dia-Logos: Revista dos Alunos de Pós-Graduação em História**, v. 10, n. 2, 2016.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Clube de Autores, 2009 [1891].

EXAME. Bolsonaro sobre covid-19: “Não vou sentir nada, fui atleta e levei facada”. Publicado em 30/03/2020. Disponível em: <https://exame.com/brasil/bolsonaro-sobre-covid-19-nao-vou-sentir-nada-fui-atleta-e-levei-facada/>.

FERNANDES, Augusto. Depois da facada, não será uma gripezinha que vai me derrubar. **Estado de Minas**, 20 de março de 2020. Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/03/20/interna\\_politica,1130959/bolsonaro-depois-da-facada-nao-sera-uma-gripezinha-que-vai-me-derru.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/03/20/interna_politica,1130959/bolsonaro-depois-da-facada-nao-sera-uma-gripezinha-que-vai-me-derru.shtml)> Acesso em: 06/09/2020

FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade II – O Uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Graal. 1986.

G1. Presidente de Belarus mantém estádios abertos e recomenda vodka e sauna contra Covid-19. Publicado em 31 de março de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/03/31/presidente-da-belarus-mantem-estadios-abertos-e-recomenda-vodka-e-sauna-contr-covid-19.ghtml>. Acesso em: 06/09/2020

GATTI, José. Notas sobre masculinidades. *Masculinidades: teoria, crítica e artes*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, p. 9-23, 2011.

GREEN, James. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2007.

\_\_\_\_\_. Herbert Daniel: política, homossexualidade e masculinidades no Brasil nas últimas décadas do século XX. In: *Masculinidades: teoria, crítica e artes*. Estação das Letras e Cores, 2011, pp. 131-150.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Editora Vozes Limitada, 2015.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. *Masculinidade em (re)Construção: Gênero, Corpo e Publicidade*. Universidade da Beira Interior. Portugal. 2016.

KELLER, Daniel e ARAÚJO, Denise Castilhos de. Masculinidades: identidade narrativa, performance e diagramas de marginalização. *Caderno Espaço Feminino - Uberlândia-MG - v. 30, n. 1 – Jan./Jun. 2017 – 2017*. Disponível em: < <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/31730>>. Acesso em: 25 Julho 2020.

LAGO, Mara Coelho de Souza; WOLFF, Cristina Scheibe. Masculinidades, diferenças, hegemonias. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 233-240, Apr. 2013. Available from

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2013000100013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100013&lng=en&nrm=iso)>. access on 01 Sept. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100013>.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SAMPAIO, Ronaldo Sousa e GARCIA, Cláudia Amorim. Dissecando a masculinidade na encruzilhada entre a psicanálise e os estudos de gênero. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 81-102, abr. 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2010v16n1p81>>. Acesso em: 27 Ago. 2020.

SCULOS, B. W. "Who's Afraid of „Toxic Masculinity“?" **Class, Race and Corporate Power**: V.5, 2017.

SILVA, Sergio Gomes da. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. *Psicologia: Ciência e profissão*, v. 20, n. 3, p. 8-15, 2000. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932000000300003&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000300003&lng=pt&tlng=pt)> . Acesso em 05 Junho 2020.

\_\_\_\_\_. A crise da Masculinidade: Uma Crítica à Identidade de Gênero e à Literatura Masculinista. *Psicologia Ciência e Profissão*, 2006, 26 (1), 118-131. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932006000100011](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000100011)> Acesso em: 04 ago. 2020.

ÚLTIMO SEGUNDO. Bolsonaro falava a visitantes que máscara era coisa de 'viado', diz jornalista. Por iG Último Segundo | 08/07/2020. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2020-07-08/bolsonaro-mascara-coisa-de-v.html>.

VANNUCHI, Camilo. A pandemia de Covid-19 segundo Bolsonaro: da "gripezinha" ao "e daí. UOL. 30/04/2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/camilo-vannuchi/2020/04/30/a-pandemia-de-covid-19-segundo-bolsonaro-da-gripezinha-ao-e-dai.htm>.